

**KENNEDY RYAN**

**MEU  
VÍCIO  
EM VOCÊ**



**KENNEDY RYAN**

Tradução de Adriana Krainski

**MEU  
VÍCIO  
EM VOCÊ**

 **FARO  
EDITORIAL**

*Para aqueles que usam a magia para exaltar, proteger e  
iluminar as pessoas ao redor... o descanso é nossa nova resistência.*

*Descansem e brilhem, meus amores.*

*Descansem e brilhem.*



## PLAYLIST



Escaneie o QR Code para ouvir a playlist de *Meu vício em você*.



## NOTA DA AUTORA



Muitas vezes tenho a sensação de que as histórias que conto encontram maneiras de se entrelaçarem com minha vida real. Sou uma daquelas escritoras “raras” que realmente acreditam que há algo de divino que se infiltra no processo criativo. Por isso, já não me surpreendo quando, ao longo do caminho, encontro sinais de que estou na direção certa ou de que estou escrevendo exatamente o que deveria. Creio que, ao seguir essa voz, as pessoas que precisam de meu trabalho e minhas palavras os encontrarão no momento certo.

Se você leu os dois primeiros livros da série Skyland, *Antes de me Libertar de Você e Uma História de Nós Dois*, já conheceu Hendrix, a heroína deste livro. Como já mencionei, ela cuidava da mãe, que sofria de uma demência. Agora, em *Meu Vício em Você*, descobrimos que se trata de Alzheimer. Pesquisas e entrevistas são sempre os pilares de meu processo criativo. É por aí que começo. Assim, entrevistei várias pessoas que cuidam de pessoas queridas com demência, bem como profissionais de saúde que atuam nessa área. Uma das pessoas que entrevistei foi minha mãe, pois a mãe dela, minha vizinha, convivia com demência havia vários anos, e seu estado de saúde só piorava.

Uma semana após eu entregar a versão ajustada deste livro, minha vizinha faleceu. Não foi uma jornada fácil. No final, ela já não reconhecia as pessoas a seu redor, mas perguntava pelas irmãs, pelos irmãos, pela mãe, que já haviam partido antes dela. Gosto de acreditar que, na confusão de seus últimos dias, eles lhe serviam como uma luz e uma salvação, e que ela estava buscando por eles. Ela ansiava por uma paz que, acredito, tenha mesmo encontrado agora.

Digo isso para que você saiba que a trajetória de Hendrix não é teórica para mim. Não estou alheia às emoções nem à difícil tarefa de cuidar de uma pessoa querida em vários estágios de demência. Também já presenciei momentos de alegria que essa experiência pode trazer quando menos esperamos. Como a mente humana, que pode nos trair, também pode nos encantar e surpreender quando subestimamos suas capacidades.

Não existem duas jornadas idênticas. Alguns aspectos da situação da mãe de Hendrix podem parecer familiares para quem já passou por circunstâncias semelhantes, enquanto outros podem ser bastante diferentes. Um agradecimento especial a Jess, Tiye, Erin, Jazmine, Eric, Teresa, Lexi, Lucy e a minha

mãe por compartilharem suas experiências como cuidadores e como pessoas queridas. Também quero estender minha simpatia aos cuidadores que enfrentam o desafio de viver suas vidas, cuidar de suas famílias e trabalhar, enquanto também se veem cuidando de seus pais. É difícil em muitos aspectos, mas, com base nas conversas que tive, também é uma responsabilidade que a maioria considera um privilégio. Se você está trilhando esse caminho, seja qual for seu papel, meu maior desejo é que, mesmo que partes desta história lhe pareçam familiares, elas lhe tragam esperança. Espero que esta história ecoe e que você sinta o cuidado e a atenção com que me esforcei para abordar esse tema. Estou mandando forças, esperança e meus melhores desejos para você.

Obrigada pela leitura. ♥

“Uma mulher é livre se viver de acordo com seus próprios padrões e criar seu próprio destino.”

— **Mary McLeod Bethune,**  
**pedagoga, filantropa, ativista**



# PRÓLOGO



## HENDRIX

A porta da frente está escancarada.

Antes, isso sempre significava uma recepção calorosa no velho sobrado onde cresci, mas agora a visão me faz tremer mais do que o vento gelado da véspera de Natal que assobia em meu rosto.

— É aqui? — pergunta o motorista do Uber, me observando parada na entrada com minha mala de rodinhas.

— É, sim. — A incerteza modula minha voz e, provavelmente, meu rosto também, a julgar pela expressão de “*Posso ir agora?*” do motorista. — É aqui mesmo. Obrigada.

Mas *será?* O gramado um pouco alto demais e as sebes irregulares jamais teriam sido tolerados por minha mãe ao longo de meus quarenta anos de vida. A porta da garagem está aberta, e o xodó dela, um SUV cor pérola, mais conhecido como Bolinho, está lá dentro. Mamãe não deixaria seu bebê exposto assim.

*Tem alguma coisa errada.*

Já faz tempo que tem alguma coisa errada. Não é que eu tenha ignorado o problema. Não sou do tipo de tapar o sol com a peneira, mas preferi acreditar que não era tão grave quanto eu temia. Há culpas piores do que ter esperança, mas agora não consigo pensar em nenhuma.

Assim que o Uber se afasta e eu arrasto a mala pela garagem até a porta escancarada, o nó de apreensão que se formou em meu estômago durante o último ano se solidifica e desaba como uma pedra. Atravesso a soleira, fecho a porta e encaro a sala que mamãe sempre mantinha impecável. Foi essa a primeira impressão que tive de nossa casa e nunca a vi tão bagunçada. A terra preta de uma planta virada deixa o tapete branco sujo. Uma película de poeira opaca cobre a mesa de centro, normalmente lustrosa, e o abajur está torto. Toda a cena parece fora de lugar, e fico tão desorientada que me sinto de ponta-cabeça.

— Mãe?

O chamado sai fraco e hesitante, como quando eu era criança e a chamava, com medo de que houvesse um monstro escondido debaixo da cama. Ela sempre respondia rápido, entrando no quarto com um sorriso que bastava para afastar qualquer medo.

Agora, só há silêncio, e nada de reconfortante nele.

*Bip! Bip! Bip!*

O detector de fumaça dispara, rompendo o silêncio e me despertando de supetão do torpor. Uma nuvem branca invade o corredor, e eu me apresso para a cozinha. Colunas de fumaça sobem de uma panela que chia no fogão. O cheiro acre de queimado invade o ar e faz meu nariz arder.

*Merda!*

Tossindo, atravesso um monte de farinha espalhada no chão, tateando as gavetas onde mamãe guarda os panos de prato. Enrolo um deles na mão, puxo a panela para longe da chama vermelha e furiosa. A panela chia ao tocar a pia, liberando uma cortina de vapor que quase esconde a bagunça de frango cru, legumes picados, massa de torta inacabada e frutas cortadas de qualquer jeito sobre a bancada.

*O que...*

Levanto a tampa da panela e vejo apenas folhas de couve, ou o que sobrou delas. Toda a água evaporou, e sobrou apenas uma maçaroca carbonizada, presa ao fundo. Abro a porta do forno com esforço e torço o nariz ao ver um desastre queimado e ressecado, que talvez tenha sido um peru de cinco quilos numa vida anterior. Com outro pano, retiro a desgraça fumegante e a coloco sobre a grelha do fogão.

O alarme continua apitando; ergo as mãos e as balanço diante do sensor até que ele se cale. O silêncio que se segue é ainda pior. Com a emergência culinária resolvida, resta encarar o problema real.

*Cadê a mamãe?*

— Dona Catherine — digo, quando a ficha cai.

Quantas vezes mamãe foi até a casa de nossa vizinha enquanto o jantar estava no forno? Ela deve estar lá. Saio correndo pela porta dos fundos até a cerca que divide nossos quintais, empurrando com impaciência o portão bambo que separa as duas casas e nunca fica trancado. Subo correndo o caminho de paralelepípedos que a melhor amiga de minha mãe construiu no jardim; observo, meio distraída, os arbustos cobertos de geada que com certeza florescerão na primavera. Bato à porta.

— Dona Cat! — chamo, puxando a maçaneta de metal. A porta não se mexe. Dou a volta na casa e toco a campainha, mas ninguém atende. Com o rosto colado à janela, fico perturbada com a escuridão da sala que tento espionar. O silêncio é sufocante, como se nada acontecesse ali dentro há muito tempo.

— Hendrix? É você?

Me viro na varanda e vejo a senhora Mayer, a vizinha do outro lado da rua, que mamãe e dona Catherine nunca suportaram.

— *Uma fofoqueira, é o que ela é* — mamãe costumava dizer. — *Ela não conseguiria guardar um segredo nem se alguém costurasse a boca dela.*

— Senhora Mayer. — Desço os degraus para encontrá-la, encostada à cerca por onde espiava. — A senhora viu minha mãe? Ou a dona Catherine?

A pele fina e enrugada dela parece feita de papel machê, e nela passa uma sequência de emoções: surpresa, consternação, tristeza.

— Vi sua mãe mais cedo, quando estava caminhando. — *Enquanto bisbilhotava a vida alheia.* — Mas faz algumas horas que não a vejo. E Catherine, bem...

Seus olhos descem até a grama e então se elevam, agora marejados.

— Pois bem, Catherine faleceu. Foi enterrada há duas semanas. Você não ficou sabendo?

Minha cabeça gira, e meus dedos tremem enquanto me apoio na cerca.

— Como assim... — As palavras me fogem, incapazes de formar um pensamento coerente. Não é possível que a melhor amiga de minha mãe tenha morrido há duas semanas e eu não tenha ficado sabendo. — Ela... morreu? Como?

— Ataque cardíaco. — A senhora Mayer balança a cabeça, deixando o olhar vagar até a varanda da frente da casa da senhora Catherine. — Sua mãe não reagiu bem, como você pode imaginar.

Eu estava fora do país a trabalho, mas falei com minha mãe várias vezes nas últimas semanas; e, na maioria delas, ela parecia lúcida, quase como antes. Em nenhuma dessas conversas ela mencionou a morte da senhora Catherine. Ontem mesmo conversamos para confirmar o horário de meu voo. Procuro voltar para casa pelo menos uma vez por mês, duas quando possível, mas o trabalho tem me sobrecarregado ultimamente. Liguei para a dona Catherine algumas vezes na semana passada e só consegui deixar recado na caixa postal, mas isso já aconteceu antes. Ela sempre retorna as ligações.

*Desta vez, não.*

— Não acredito que Betty não te contou — diz a senhora Mayer, com uma expressão que passa de triste a curiosa. — Bem que estranhei você não estar no funeral.

— Eu... pois é... — Não há o que responder. Me recuso a dar a essa mulher qualquer informação que não lhe diga respeito.

— Então, Betty sumiu, né? — O olhar dela se aguça, se volta para nossa porta dos fundos, que, na pressa, deixei aberta. Algumas espirais de fumaça ainda escapam da cozinha e se espalham pelo ar frio do início da noite.

— Não sumiu, não. Só não está em casa. Acabei de chegar de Atlanta e queria saber se você a viu. Com certeza ela só saiu para fazer umas compras de última hora, ou algo assim.

— Mas o carro dela está na garagem — retruca a senhora Mayer. — Ela não iria a pé ao supermercado.

— Preciso ir, senhora Mayer. — Me viro de supetão e nem espero que ela entenda que a conversa acabou. — Feliz Natal.

— Me avise quando ela aparecer — grita ela.

Meus passos vacilam ao ouvir a palavra “aparecer”, mas volto depressa para dentro de casa.

*Mamãe sumiu.*

Quando recebemos o diagnóstico de Alzheimer, é claro que os médicos nos disseram que a pessoa pode se perder, mas não é algo com que tivéssemos lidado antes. Não assim. Preciso chamar a polícia. Não faço ideia de quanto tempo ela está fora, nem de onde possa estar. Eu sabia que a situação não se sustentaria por muito tempo. Foi um improviso até que encontrássemos uma solução definitiva, e a dona Catherine era o elo frágil que mantinha tudo minimamente em pé. Mas ela morreu, e a mamãe sumiu. Um arrepio gélido percorre minha espinha, e eu fico paralisada. Eu, que sempre sei o que fazer, para onde ir e qual é o próximo passo, estou imóvel, tomada por um pavor crescente e uma terrível certeza. Sinto um nó na garganta e sufoco um soluço e um gemido abafado. Pisco para conter as lágrimas que se acumulam e as enxugo.

— Recomponha-se. — Tiro o celular do bolso, pronta para ligar para a polícia, mas ele toca antes que eu consiga iniciar a ligação. — Alô? — atendo em tom de pergunta, porque tudo parece acontecer ao mesmo tempo agora. Não sei de mais nada, só do terror que se espalha pelo meu corpo como uma bola de neve rolando rumo ao precipício.

— Senhora Barry? — É uma voz uniforme, formal, calma. — Hendrix Barry?

— Sim... Sou eu. Sou Hendrix Barry.

— Sou o policial Billings. Sua mãe está aqui.

As palavras dele afrouxam o aperto em meu peito. Meu coração dispara, batendo forte e descompassado na caixa torácica. O sangue sobe à cabeça, e eu respiro fundo, tentando firmar a voz trêmula. Reviro o monte de farinha no balcão e me apoio, aliviada, sem me importar com o pó branco que cobre as botas pretas sem as quais, até semana passada, eu achava que não poderia mais viver.

— Ela está ferida? — Minha voz falha sob a pressão.

— Ela está bem — responde o policial Billings, com um tom profissional, mas não indelicado. — Um pouco... confusa, mas não parece pior. Seu contato estava na bolsa... e escrito na mão dela.

— Onde ela está? — Pego as chaves do carro da mamãe no gancho na parede perto da geladeira, já a caminho da garagem. — Na delegacia?

— Não. Estamos numa praça perto da Avenida Plymouth.

— Aquela onde ficava a loja General Dollar? — Franzo a testa, ligo o carro e saio cantando pneu, como se estivesse sendo perseguida por duendes.

— Sim, essa mesmo. O segurança a viu perambulando pelo estacionamento. O endereço...

— Eu sei onde fica — corto, mudando de faixa sem nem checar o trânsito.

— Estou a cinco minutos daí. O senhor pode...

— Ficaremos aqui até você chegar.

— Obrigada.

Atravesso um sinal amarelo em alta velocidade, grata pelo fato de as ruas deste lado da cidade estarem quase desertas nesta véspera de Natal. Lágrimas traçam um rastro quente pelo meu rosto frio.

— Já chega — digo já sem paciência, enxugando o rosto molhado. — A mamãe já vai estar chateada o suficiente sem ver você acabada assim.

Mas *acabada* é exatamente como me sinto, como se cada parede, cada pilar que me sustentava, tudo o que mantinha meus medos contidos, tivesse desmoronado com o caos que encontrei em casa.

Chego ao estacionamento, e é como voltar no tempo. Anos atrás, esta praça era o coração pulsante de nossa comunidade. Nos sábados, eu passava o dia inteiro aqui com mamãe, entre o Cato e a churrascaria de Lee e a pequena livraria no fim da rua, sempre que eu não estava ajudando na padaria dela, a Formiga. A placa em tons pastel, em forma de cupcake, que um dia pendia sobre a fachada da loja de mamãe, já não existe. O ponto foi ocupado por uma loja de ferragens quando ela teve que fechar as portas. Agora, até essa loja se foi. Um letreiro desbotado balança ao vento: ALUGA-SE. Uma névoa de abandono paira sobre a praça deserta. Mesmo os poucos carros espalhados pelo estacionamento parecem não estar estacionados, mas sim esquecidos ali.

Avisto a viatura de imediato e encosto o carro ao lado. Nem me dou ao trabalho de desligar o motor. Estaciono às pressas e salto para fora, deixando a porta aberta. O policial está recostado na lateral da viatura, mas o que vejo é minha mãe, sentada no banco de trás. E sinto um aperto no peito. Quando eu tinha dezesseis anos, a polícia parou alguns amigos meus, e eu junto, porque estávamos “dando umas bandas”. Não estávamos fazendo nada de errado, mas éramos um grupo de adolescentes negros, juntos e rindo tarde da noite, então, para eles, deveríamos estar aprontando alguma. Eles me fizeram ficar sentada na viatura até minha mãe chegar, e eu tremia de medo, esperando por ela. Toda a minha bravata adolescente tinha sumido, e me lembro de me sentir tão infantil, tão pequena, naquele banco de trás enorme. Agora é mamãe quem está no banco de trás da viatura, mas, de algum modo, sou eu quem ainda se sente pequena e bem despreparada para o que vem pela frente.

É engraçado como as coisas mudam.

Só agora percebo que, quando as pessoas dizem “é engraçado”, muitas vezes o que querem dizer, na verdade, é “é triste”. Um triste revés do destino. Passar a vida toda sendo pai/mãe. E agora, ser. . .

Mamãe não ergue o olhar, mas sinto que ela sabe que estou aqui. Tento abrir a porta, mas o policial me detém.

— Podemos conversar um tempinho antes de você... — Ele inclina a cabeça em direção ao carro.

Passo a língua nos lábios, nervosa, sentindo o peso ameaçador de suas palavras.

— Claro.

— Isso estava na bolsa dela. — Ele me entrega um pedaço de papel.

*Se eu estiver perdida, ligue para minha filha, Hendrix Barry.*

Meu número de celular está rabiscado na parte de baixo.

*Se eu estiver perdida*, como se ela fosse um objeto fora do lugar. Algo que poderia simplesmente ser devolvido, mas acho que nada pode trazer minha mãe de volta. Não como ela era.

— Foi assim que conseguimos te encontrar tão rápido — continuou o policial. — Mas, pelos registros, vi que já recebemos algumas ligações sobre ela antes. Desta vez, parecia um pouco mais desorientada. Antes, chamávamos uma tal de Catherine Simmons.

— Pois é, ela... hum, a senhora Simmons faleceu recentemente. Só fiquei sabendo hoje à tarde.

— O que sua mãe tem? — pergunta ele, com os olhos fixos em meu rosto.

— Alzheimer. — A palavra ainda me soa estranha, com suas consoantes ásperas arranhando meus dentes e minha língua. — Ela recebeu o diagnóstico no ano passado. Está no início, e tem sido controlável. Eu moro em Atlanta, mas ela não quis se mudar para lá. Ela queria... ela quer ficar aqui, ficar em casa. E só concordamos porque tinha a companhia de Catherine.

— Posso ser sincero? — pergunta o policial Billings, e mal espera meu consentimento antes de prosseguir. — Em casos como este, o serviço social costuma intervir. Avisam a família de que, se não tomarem uma providência, podem ser responsabilizados caso algo aconteça. A ela ou a outra pessoa.

— Providências?

— Ela não pode mais morar sozinha, senhora Barry. Como isso vai acontecer na prática, você e sua família terão que decidir, mas essa situação não pode continuar. Não só por causa do transtorno que causa para nós, mas também pela segurança dela.

Não é nenhuma novidade, mas é como um tsunâmi, e a única coisa que me impedia de enfrentar o choque inevitável era a senhora Catherine. E agora ela partiu.

— Isso não vai acontecer de novo. — Lanço um olhar por cima do ombro e vejo a silhueta de minha mãe no banco de trás. — Vamos dar um jeito. Obrigada por ligar e cuidar dela.

Ele acena brevemente e abre a porta.

— Mamãe — digo, tentando disfarçar a angústia em meu tom de voz. — Vamos para casa.

Os olhos que ela levanta são familiares, com o mesmo tom castanho-escuro que vejo no espelho todas as manhãs, mas há algo de estranho naquele olhar vago e perplexo.

— Hã? — murmura mamãe, perguntando.

— Vamos para casa — repito, segurando-a delicadamente pelo cotovelo e a ajudando a sair do carro.

Solto um suspiro de surpresa ao vê-la com clareza pela primeira vez sob as luzes do estacionamento. O cabelo dela está embaraçado. Olheiras profundas escurecem a pele sob os olhos. Ela estremece, encolhida dentro de um roupão jogado por cima da calça de moletom, uma roupa que eu nunca a vi usar fora da privacidade de nossa casa. Os tênis também não formam um par.

E o cheiro...

Esse talvez seja o detalhe mais doloroso de todos. Minha mãe, que sempre tomava banho de manhã e à noite, que passava perfume mesmo para dormir, está com o cheiro de alguém que não toma banho há dias.

— Vamos, mãe — digo baixinho, segurando seu cotovelo e a conduzindo até o banco do passageiro. Tento prender o cinto de segurança, mas ela afasta minha mão com um tapa.

— Hendrix Rae — ela dispara, a voz baixa, carregada de indignação e desafio. — Eu não sou criança.

Prefiro essa centelha de irritação, até mesmo a raiva, ao olhar vazio que ela tinha momentos atrás.

— Sim, senhora. Desculpe. — Entro no carro e dou a partida, mas não me movo, nem mesmo quando o policial se afasta. Tenho que saber. — Por que você veio aqui, mãe?

Ela fica olhando para as próprias mãos no colo, piscando rápido.

— Eu... fiquei confusa. Achei que...

Os lábios dela comprimem as palavras que estavam prestes a sair, e uma tensão estica a pele ao redor dos olhos.

— Sua loja, a padaria, ficava aqui. — Lanço a frase como quem lança um anzol, esperando pescar alguma resposta que faça sentido. — Você pode me dizer por que veio aqui, mãe?

Ela fecha os olhos com força e abaixa a cabeça. A vergonha se desenha na boca trêmula, enquanto pequenas lágrimas, como cristais, se acumulam nos cílios inferiores. O cinto de seda do robe está torcido entre seus dedos fechados.

Ela não consegue admitir, mas sei que minha mãe veio aqui hoje para abrir a padaria, fechada há mais de uma década. A situação está piorando; e, mesmo estando tão envolvida e conversando com ela quase todos os dias, eu não notei.

*Como pude não notar?*

Depois de levar Bolinho para a garagem, saio do carro e sigo até a porta de casa, mas mamãe continua no banco do passageiro, os olhos fixos à frente.

— Mãe — chamo, abrindo a porta do passageiro. — Você vai entrar?

— Não. — Ela se encolhe e balança a cabeça com força. — Não, não, não. Eles vão voltar.

— Não tem ninguém aí, mãe. Ninguém vai voltar.

— Às vezes eles vêm à noite. — Com os olhos arregalados, ela abaixa a voz, lançando um olhar furtivo para a porta da frente. — Eles levaram minhas calcinhas, Rae. Vasculharam meus armários. Minha geladeira. Eles me roubam. Eu fico com medo.

— Ninguém vai te machucar, mãe. — Engulo em seco, sentindo o nó quente subindo pela garganta. — Não vou deixar ninguém te machucar. Tá bem?

— Você não mora aqui. — Seu lábio inferior treme, e ela fecha os olhos com força. — Ninguém mais mora aqui. Todos se foram.

Sua mãe. Sua melhor amiga. Seu marido. Todos se foram. Uma das crueldades de envelhecer é ser quem “restou” quando todos os outros já foram descansar. E mamãe já viu tanta gente partir.

A culpa me invade, e logo vêm a frustração e a vergonha. Eu *não estava* aqui. Moro a centenas de quilômetros de distância.

— Estou aqui agora — digo, me apoiando na porta aberta do carro. — Vem comigo. Vamos jantar juntas, aproveitar a ceia de Natal.

*O que restou dela.*

Ela olha por cima de meu ombro em direção à porta da frente, com linhas de apreensão marcando a boca e os olhos.

— Tem certeza que não tem perigo?

— Tenho. — Estendo a mão e a ajudo a sair do carro.

Quando entramos na cozinha, paro de repente, chocada ao ver que a farinha foi varrida, as bancadas estão limpas, e uma janela está aberta, deixando o ar frio entrar e dissipando o cheiro de fumaça. Por um instante, penso se a ilusão de mamãe poderia ter algum fundo de verdade quando, de repente, a porta da cozinha se escancara.

— Tia Geneva! — Levo a mão ao peito, e o coração está disparado. — Eu tinha me esquecido de que você viria.

— Deu para perceber — resmunga minha tia, uma professora primária aposentada, enquanto vai até a despensa e guarda a vassoura. — A casa nem estava trancada. Betty, você esqueceu que eu viria?

Tia Geneva, irmã mais velha de minha mãe, não foi muito presente em minha infância. As duas brigaram quando tinham seus quarenta anos, por causa

de um terreno deixado pela tia-avó, uma daquelas disputas familiares bobas que viram tempestades e demoram décadas para se dissipar. Só nos últimos dez anos começaram, de fato, a reconstruir o relacionamento.

— Eu não esqueci — diz mamãe com o rosto impassível. — Como eu poderia esquecer que você vinha da Virgínia?

O olhar penetrante de tia Geneva avalia a aparência desalinhada de minha mãe e, em seguida, repousa em mim. Nossos olhos se encontram, e o entendimento silencioso passa entre nós: ela esqueceu, sim.

— Mana... — murmura mamãe, com a voz trêmula e uma lágrima solitária escorrendo pelo rosto. — Eu não esqueci. Eu não esqueceria. Como eu poderia...?

Tia Geneva atravessa a cozinha em poucos passos e envolve a irmã caçula em um abraço apertado. Acaricia suas costas, passa os dedos pelos cabelos.

— Claro que você não se esqueceu, Bet — sussurra tia Geneva. — E, de qualquer forma, pouco importa. — Ela me encara por cima da cabeça de mamãe e completa, para mim e para si mesma: — Porque agora eu estou aqui.

A ceia de Natal da mamãe está obviamente irrecuperável. Enquanto tia Geneva prepara um café da manhã para o jantar, com ovos, panquecas, mingau, torradas, batatas fritas, linguiça e bacon, eu ajudo mamãe a se recompor. A primeira coisa a fazer é providenciar um banho. Depois, lavo e seco depressa o cabelo dela, massajeio o couro cabeludo com óleo e enrolo os modeladores de que ela gosta. Ela permanece em silêncio desde que chegamos, como se tivesse se refugiado num canto seguro da mente, um lugar tranquilo onde ninguém exige que ela se lembre de nada, nem que responda nada. Mesmo assim, mantém o fio da conversa sozinha, de vez em quando cantarolando sua música favorita: “This Christmas”. Mamãe sempre gostou de Donny Hathaway.

— Venham comer, vocês duas! — grita tia Geneva da cozinha, enquanto ajeito o último modelador no cabelo de mamãe. — Antes que esfrie!

À mesa, todas nós castigamos nossa comida: empurra para cá, espeta para lá no silêncio desconfortável da sala de jantar. Nada lembra os natais de outros anos, quando o barulho das risadas e das músicas fazia a gente nem conseguir pensar, mas tudo bem, porque bastava rir e comer. Mamãe fica remexendo os ovos por um tempo e, depois, se levanta devagar e vai para o quarto, alegando cansaço. Eu até tentaria convencê-la a ficar, mas sei que tia Geneva está com a língua coçando para poder falar.

— Precisamos conversar — diz ela assim que os passos de mamãe na escada desaparecem e a porta do quarto se fecha.

— Eu sei. — Levo uma fatia de bacon à boca e dou uma mordida sem vontade. — Só fiquei sabendo hoje que a senhora Catherine tinha falecido.

— Eu também. — Tia Geneva solta um suspiro e balança a cabeça. — Até perguntei para Betty sobre Cat na última vez que falamos. Ela se esquivou. Não me pareceu bem, mas não insisti. Eu devia ter pressionado.

Apoio a mão sobre a dela.

— Não se culpe. A partir de agora, vamos ficar mais atentas. Parece que houve alguns incidentes com a polícia.

Conto o que o policial disse, inclusive o aviso nada sutil de que os serviços sociais poderiam ser acionados caso não resolvêssemos a situação de minha mãe.

— Muita coisa precisa mudar — concluo. — Ela não pode continuar assim.

— Você sabe que ela só vai sair desta casa se for absolutamente necessário — diz tia Geneva, tomando um gole de limonada. — Foram trinta anos para quitar o financiamento. Já faz muito tempo que ela mora aqui. Quando a memória vai embora, estar num lugar onde a vida aconteceu, onde o passado ainda está ao alcance das mãos, é importante. É reconfortante.

— Tem razão. — Massageio as têmporas, sentindo a resignação apertar minha cabeça. — Vai ser difícil administrar minha empresa daqui. Tudo acontece em Atlanta. A maioria de meus clientes está lá, mas vou dar um jeito.

— Nem pensar, mocinha. — O olhar de tia Geneva cruza o meu do outro lado da mesa. A compaixão transborda de seus olhos castanho-escuros. — Você não precisa mudar toda a sua vida desse jeito, Hendrix.

— Eu preciso ficar com ela. Ela precisa de...

A magnitude da jornada que me espera, com seu inevitável desfecho trágico, me oprime. A pressão de precisar manter minha fonte de renda para que *nunca falte* nada à mamãe a longo prazo é avassaladora e rouba minhas palavras. O medo e o pânico apertam meu coração e me deixam sem ar.

Tia Geneva se levanta, dá a volta na mesa e se senta a meu lado, no lugar que mamãe deixou vazio. Com as duas mãos, ela segura meu rosto.

— Betty ainda não vai embora — diz ela, e há um brilho decidido em seus olhos. — E, por mais que ela ainda se lembre da vida dela aqui, acho que não é o caso de você ficar presa neste fim de mundo.

Há uma leve pitada de humor na voz dela, o bastante para arrancar de mim um sorrisinho.

— E ela não *quer* que você faça isso, Hen — ela diz. — Já estou velha, e as raízes que tenho na Virgínia já não me servem para nada. Vou me mudar pra cá.

— Tia, não. Você...

— *Eu* estou aposentada. Sua prima Ellie e meus netos moram na Costa Rica. Conseguiram organizar o bar e estão se saindo bem. Gerald e a família estão servindo no exterior. Enquanto ele não sair do exército, acho que não voltam para os Estados Unidos tão cedo. Vejo meus filhos umas poucas vezes por ano.

— Mas sua vida é na praia de Virgínia.

— Eu tenho setenta e sete anos, menina. Meu marido faleceu. Meus filhos não estão por perto. Eu cresci aqui. Ainda tenho amigos aqui. Poxa, a Igreja

Batista Nova Esperança era minha igreja até eu me casar e me mudar com seu tio Robert. — Ela dá uma risadinha e sacode a cabeça. — Aposto que nem tiraram meu nome da lista de fiéis. Você vai ver, logo estarei de volta.

— Não posso deixar você fazer isso.

— Ela é minha irmã, Hendrix. Minha irmã caçula precisa de mim. — Ela se inclina para a frente, analisando meus olhos, e bate com o dedo indicador na mesa para dar ênfase. — Vai chegar um momento em que sua mãe não vai mais poder ficar em casa. Mas só está começando. Precisamos ir com calma. Não só ela, mas você também. As coisas vão piorar, e vamos ter que tomar outras decisões. Decisões mais difíceis, mas ainda não é o momento. Acho que você pode continuar em Atlanta, tocar sua empresa e sua vida sem muitos transtornos e voltar para casa sempre que puder.

A ideia atravessa o caos de meus pensamentos e leva alguns segundos para se acomodar. O plano de tia Geneva vai exigir muitos ajustes em como administro minha empresa, em como levo a vida, mas não tantos quanto se eu tivesse que ficar aqui o tempo todo. Pode ser uma solução temporária para todo mundo. Deve ser o melhor que podemos fazer por enquanto, mas a culpa ainda me corrói por dentro.

— Não deixe a culpa te comer viva — diz tia Geneva.

Eu a encaro, admirada com a forma como ela e a mamãe às vezes parecem arrancar os pensamentos de minha cabeça.

— Como é que vocês conseguem fazer isso? — Dou uma risadinha. Quando eu era criança, não conseguia me safar de nada, porque parecia que minha mãe já estava dois passos à frente de cada mentira que eu tentava contar.

— Discernimento — responde tia Geneva, piscando e me lançando um sorriso maroto. — Deus sempre entrega.

Nós duas rimos, embora eu não tenha certeza se ela está brincando. Se tem uma coisa que mamãe e tia Geneva sempre levaram a sério, é a igreja.

— Tem certeza? — pergunto, mas o brilho do humor é sufocado pela volta do peso da preocupação.

— Desde que Betty foi diagnosticada, eu tenho poucas certezas — diz tia Geneva, piscando para tentar conter as lágrimas. — Mas morar com minha irmã e cuidar dela enquanto eu puder... nunca tive tanta certeza de alguma coisa em toda a minha vida.

Ela me puxa para perto e aconchega meu rosto na curva do pescoço. Minhas lágrimas encharcam sua blusa, e parece que volto a ser criança. Mais tarde, sozinha, não consigo deixar de pensar em mamãe, naquela figura pequena e frágil no banco de trás da viatura policial.

*É engraçado como as coisas mudam.*

Agora, tudo o que eu queria era poder voltar a ser aquela menina que dependia da mamãe e do papai para tudo. Tão diferente da mulher que me tornei, acostumada a sempre segurar as pontas com firmeza. Estou quase sem forças, com as pernas bambas e o coração trêmulo, mas não posso me dar ao luxo de fraquejar e não vou decepcioná-la.

Os papéis se inverteram, e agora é a mamãe quem precisa de mim.

# 1



## HENDRIX

Sou paga por minhas boas ideias.

Vir a esta festa não foi uma delas.

Dou mais uma olhada rápida no celular, tentando acalmar o batimento irregular de meu coração. Nenhuma ligação perdida. Nenhuma nova mensagem.

*Ainda.*

Meus músculos se contraem, à espera da ligação que não veio, enquanto a ansiedade invade meus nervos e me pergunto por que o celular continua em silêncio.

*Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.*

Mamãe tem estado melhor desde que tia Geneva se mudou para lá, há alguns meses. O médico acha que a morte da senhora Catherine pode ter agravado os sintomas ou, pelo menos, desestabilizado-a o suficiente para que alguns dos lapsos dela depois da partida da senhora Cat fizessem sentido. Nunca dá para saber ao certo, mas tomar os remédios direitinho, se manter mais ativa e ter alguém de olho nela de novo parece ter ajudado. Ou, pelo menos, a colocado de volta nos trilhos. Tento ir para casa e ajudar pelo menos duas vezes por mês, embora o trabalho esteja tão puxado que arrumar tempo tem sido cada vez mais difícil.

— Se você olhar de novo para esse celular, vou jogá-lo na baía — sussurra a mulher que caminha a meu lado.

A baía de Biscayne se estende até a mansão gigantesca em Miami, e minha companheira Chapel, uma cliente que virou amiga, tem razão. Eu devia relaxar por uma noite... enquanto posso. Guardo o celular no bolso de minha pantalonada de linho branca e abro um sorriso luminoso.

— Chega de celular — digo, com mais confiança do que realmente sinto. — Mulher baladeira, pronta para o serviço.

E é um serviço *mesmo*. Conseguir um convite para uma das festas mais exclusivas do ano é legal, e estou feliz por ser a acompanhante de Chapel. Mas ela é minha cliente e, apesar da música pulsando nas paredes e do mar de gente linda vestida de branco, isto aqui *é* trabalho.

— Ano passado, nesta mesma época — diz Chapel, enquanto subimos as escadas até a porta de vidro da mansão de quatro andares —, eu ficava vendo

as celebridades postarem fotos desta festa. Agora estou aqui, na Festa Toda de Branco, tirando minhas próprias fotos.

— É o evento *mais* disputado da cidade — concordo. — E nós duas sabemos bem que Zere sabe dar uma festa.

— Aquela festa de encerramento foi insana — diz Chapel, arregalando os olhos. — Que noite.

Zere, a anfitriã e produtora-executiva do reality de modelos *Lewks*, botou pra quebrar com a festa de encerramento da temporada.

— E você tinha mesmo muito que comemorar — lembro a ela. — Desde o primeiro episódio, eu sabia que você iria ganhar.

— Você deve ter sido a única. — Ela solta uma gargalhada. — Ninguém mais apostou que a baixinha de um metro e sessenta com vitiligo venceria um concurso de modelos.

— Então é porque não estavam prestando atenção, porque foi exatamente ela que levou o prêmio pra casa — respondo, dando um empurrãozinho de ombro. — Agora todo mundo quer um pedacinho de você.

Marcas de roupas esportivas, refrigerantes, perfumes... como empresária de Chapel, recebo pedidos todos os dias de marcas novas que querem se aproveitar de sua ascensão meteórica.

— Você enterraria ouro? — pergunta Chapel, baixinho, parando na porta antes de entrarmos. — Foi isso que você disse para aquela maquiadora quando ela tentou cobrir meu vitiligo.

— Que sem noção — solto um muxoxo. — Ela estava, *sim*, enterrando o ouro, tentando esconder justamente o que te torna única e linda.

Chapel me encara, piscando rápido, como se fosse chorar, mas, em vez disso, ergue os braços e me abraça pelo pescoço. Quase perco o equilíbrio com o impacto do corpo dela, mesmo sendo leve como uma pena.

— Mas o que... — Dou risada, retribuindo o abraço apertado. — Avise antes de se jogar assim, mulher!

— Só... obrigada — Chapel murmura contra meu ombro. — Eu não estaria aqui se você não tivesse acreditado em mim do jeito que acreditou.

— Do jeito que eu *acredito* — digo, olhando para seu rosto lindo, o contraste delicado dos tons rosados sobre a pele marrom-escura. — A gente tá só começando, gata. Agora vamos mostrar pra esse povo como é que se faz.

Mesmo com o celular queimando no bolso, decido me divertir, fazer contatos e, por uma noite, esquecer o drama da saúde da mamãe. Solto um assobio baixo ao entrar na casa. É uma propriedade deslumbrante, de frente para o mar, com pé-direito altíssimo e luz natural em abundância. O espaço aberto se integra a uma piscina serena e perfeita. O piso de pedra clara e as paredes brancas ganham pontos de cor com esculturas, quadros e plantas enormes. É de um luxo opulento e, *ainda assim*, acolhedor.

— Olha, eu já vi coisas impressionantes — diz Chapel, com o olhar passeando pela decoração de vidro e cromo, suavizada aqui e ali por toques de madeira nas mesas e nas paredes —, mas isto aqui é outro nível. Eu sabia que o namorado de Zere era rico pra caramba, mas... isto aqui é outro patamar.

A sala rebaixada parece decorada com móveis sob medida de Rick Owens. As janelas que vão do chão ao teto proporcionam uma vista panorâmica da baía.

— Dizem que ele virou bilionário quando vendeu aquele videogame — comento.

— É um aplicativo de apostas — corrige Chapel. — *True Playahs*. E também fiquei sabendo disso.

— Eles estão juntos há um tempão, né? — Franzo a testa, tentando lembrar algum detalhe que a imprensa tenha conseguido vazar sobre Zere e o namorado bilionário e reservado.

— Acho que vai fazer três anos. Quando a gente conversou no set — Chapel diz, abaixando a voz, enquanto nos juntamos à multidão de convidados vestidos de branco —, ela estava achando que ele a pediria em casamento logo, logo.

— Ah, sério? — Pego um copo de uma bebida branca que um garçom carrega na bandeja. Alguma coisa de coco, talvez uma piña colada; pouco importa, contanto que tenha álcool.

— Você já viu o cara? — pergunta Chapel.

— Acho que não. Não me *lembro* de ter visto, e é uma pena, porque, por princípio, eu deveria reconhecer todo bilionário negro à primeira vista. Não são tantos assim.

— Ele não é tão público quanto Zere. Quase não aparece nas fotos, só nesta época do ano, quando rola esta festa aqui. E, mesmo assim, parece que as fotos que o povo posta são de todo mundo, menos dele. Mas ele é bonito, e com essa *fortuna* toda? — Ela faz um gesto amplo, indicando a opulência ao redor. — É melhor que Zere não deixe esse ouro escapar.

— Que se dane o dinheiro, *ela* é o ouro. *Ele* é que não pode dar bobeira. — Paro com o copo suspenso nos lábios e lanço um olhar malicioso. — Mas é tão bonito assim, é?

— Muito bonito. — Chapel finge um arrepio. — Vi ele uma vez no set. Tem alguma coisa ali. Poder? Carisma? Vai muito além da aparência. Seja o que for, Zere é uma sortuda por ter aquele cara só para ela.

No momento, a sortuda em questão se aproxima, com um top frente única branco e uma minissaia que valoriza a silhueta quase frágil. Um sorriso satisfeito se desenha nos cantos dos olhos cor-de-mel de Zere. O contraste da pele dourada impecável com o cabelo acobreado forma aquela beleza que a câmera tanto ama, herança da mãe etíope e do pai irlandês.

— Vocês vieram! — diz ela, com uma voz tão doce quanto seu perfume suave. — Que bom!

— Não perderíamos por nada — respondo, trocando beijinhos no ar com ela. — Isto aqui está incrível, mulher.

Quando conheci Zere no set de *Lewks*, eu só a conhecia pelas histórias que ouvia: uma modelo famosa, com trinta e tantos anos, tentando manter a relevância através de um reality show de competição. Mas, ao longo da temporada, percebi que havia muito mais ali do que manchetes, festas e o namorado bilionário. Ela é batalhadora, e isso eu sempre respeito. Então, quando Chapel venceu *Lewks* e Zere veio propor um programa estrelado por ela, ouvimos com toda a atenção e entramos de cabeça. Quando sugeriu que eu fosse produtora-executiva do programa, algo que eu queria fazer havia anos, passei a gostar ainda mais dela.

— Menina! — Zere solta um suspiro alegre. — Planejar esta festa quase me matou, mas valeu a pena.

— Sua casa é lindíssima — digo, deixando o olhar passear pelo ambiente decorado com todo o luxo. — Sério... caramba.

— Obrigada. De todos os imóveis de Mav, este é meu preferido. — O olhar dela percorre o espaço, e há um quê de nostalgia em sua voz. — Eu moraria aqui o ano inteiro, se pudesse. Mas Mav não consegue ficar muito tempo no mesmo lugar e prefere a casa em Malibu.

Algo escurece sua expressão, mas, antes que eu consiga decifrar, Zere recompõe a serenidade perfeita que eu esperava dela.

— Vocês vão conhecê-lo mais tarde. — Ela enlaça nossos braços e nos guia para o grande espaço aberto onde, numa casa menor, haveria uma parede, dando para a festa. — Vamos pegar uma bebida de verdade pra vocês.

Uma multidão se reúne ao redor de um bar enorme e muitíssimo bem abastecido, do jeito que se encontraria nos melhores estabelecimentos. Uma piscina de borda infinita com pavilhões flutuantes é a peça central da área. O gramado se estende como um tapete verde até o cais privativo que avança sobre a baía. Há um píer flutuante decorado com sofás enormes, um fogareiro e outro bar. Lanchas se aproximam, trazendo mais convidados, todos de branco. Reconheço rostos famosos: atores, rappers, modelos, executivos e figurões da mídia. Negros, brancos, pardos e todas as cores intermediárias. Esta festa é conhecida por reunir uma mistura impressionante de gente influente. Meus ombros se movem ao som da batida alta, e eu tomo um gole da “bebida de verdade” que Zere me trouxe, mas sinto que estou entrando no modo trabalho. Pois é, é uma festa, mas também é uma oportunidade.

E eu sempre aproveito ao máximo essas oportunidades.

Por alguns minutos, Zere fica com a gente, nos apresentando a pessoas que eu só conhecia das revistas. Mesmo as mais famosas parecem relaxadas aqui.

Talvez seja a segurança rígida, a lista de convidados filtrada a dedo ou o álcool fluindo livremente. Seja o que for, o clima é descontraído. E, antes que me dê conta, meu modo *sem filtros* entra em ação, e em menos de uma hora estou ao lado do DJ, pedindo as próximas músicas. O celular pesa no bolso, lembrando os problemas familiares que me esperam além daquela baía. O ar quente e doce, pulsando com a cadência da festa, me envolve. E, por um momento, leva embora o que me atormenta.

— Vai botar “Jiggy Woogie” pra tocar? — pergunto, já balançando os quadris, antecipando a batida da dança.

Ele ergue o olhar e sorri atrás do toca-discos, o que me agrada, pois sou das antigas e curto um vinil.

— Vai ser você que vai botar esta festa pra ferver, né?

Dou de ombros e devolvo um sorriso acanhado.

— É o que eu sei fazer.

## 2



## MAVERICK

Poucas coisas são mais impraticáveis do que vinho tinto numa festa toda de branco. Tiro a camiseta branca de seda manchada e deixo cair no chão.

— Você precisa renovar o guarda-roupa pelo menos uma vez por ano, Mav.

De peito nu, me viro para encarar a mulher esguia parada na porta que liga o closet ao quarto.

Dou uma risada, pego outra camiseta quase idêntica e a visto.

— Quem teve a brilhante ideia de inventar uma festa toda de branco?

Zere fecha a cara e se aproxima com um sorriso seco, sem humor.

— Culpada. A ideia foi toda minha. — Ela recolhe do chão a camiseta manchada de vinho e a leva até o cesto de roupa suja no canto.

— Você não precisa fazer isso — digo, franzindo a testa.

— Cuidar de sua bagunça virou hábito nesses três anos. E ainda não consigo me livrar disso.

Ela volta para mim, e ficamos com os narizes quase encostados. Zere nasceu para revistas, passarelas e capas. Com um metro e oitenta e um de altura descalça, ela facilmente chega a meus um metro e oitenta e oito quando está de

salto. Às vezes até me ultrapassa um pouco, com seus saltos finos quilométricos. Com certeza Zere conseguiria correr uma maratona com eles, de tão acostumada que está.

Engraçado que, quando terminamos, um mês antes, ela disse que *eu* que estava correndo. E pode ser que ela nem esteja errada.

— A festa está indo bem — digo, escolhendo um assunto neutro que não traga mais confusão, com mais de 150 convidados lá embaixo. — Ótimo trabalho, como sempre.

— Pois é... acho que quis encerrar com chave de ouro. Se for a última vez que organizo esta festa, tinha que fazer valer a pena.

As palavras ficam suspensas entre nós, pesando o ar no espaço que um dia dividimos e que ela decorou.

— Olha, Zee. — Suspiro, resignado. — Sei que é estranho, mas...

— O que poderia ser estranho em dar uma festa com o ex-namorado enquanto ninguém sabe que vocês terminaram? — Ela dá risada, mas o som é frágil e cortante. — Estou me divertindo horrores.

— Eu disse que a gente podia deixar pra lá. Essas festas sempre foram mais sua cara e...

— *Minha* cara? — Um suspiro deixa claro seu desdém. — Me mostra a manchete do *Daily Mail* que diga “A Festa Toda de Branco de Zere O’Malley”. Vai. Essas celebridades não vieram pelo meu nome nem pelo meu dinheiro, e nós dois sabemos disso.

— O que eu quis dizer é que você sempre se dedicou e se esforçou tanto por estas festas... — Seguro seus ombros, apertando de leve. — Eu só precisava aparecer com um terno branco e o talão de cheques. Agora que não estamos mais juntos...

Ela se encolhe, e eu não termino a frase, mas ela deve saber que não dou a mínima para esta festa.

— Eu até que poderia... — Zere se inclina, abaixa os olhos, engole em seco antes de continuar. — Até que poderia continuar organizando, mesmo que a gente seja só amigos. Eu não me importaria.

Penso bem antes de responder. Era só o que me faltava machucá-la mais do que o término já machucou, mas ela precisa entender que não seria saudável nem inteligente para nenhum dos dois.

— Acho melhor não, Zee — digo por fim, soltando-a e observando o rosto dela com cuidado.

Ela é considerada uma das mulheres mais bonitas do mundo, e com razão. Na primeira vez em que a vi, acho que até parei de respirar. Ela pode ser temperamental, mas, na maior parte do tempo, é gentil e divertida, quase perfeita. Dizer que as pessoas ficaram chocadas quando nosso relacionamento veio à

tona é pouco. Ela, a modelo e socialite queridinha do mundo fashion. Eu, um empresário meio antissocial sobre quem as pessoas precisam pesquisar no Google. O comunicado oficial que vamos soltar depois da festa vai dizer que o término foi “de comum acordo”. E, de certa forma, foi mesmo. Ela queria se casar e ter filhos. Minha filha está terminando o ensino médio, e eu não quero começar tudo de novo. Justo quando finalmente estou me curando da síndrome do ninho vazio, Zere se dá conta de que quer encher o dela. Nenhum de nós estava disposto a ceder, então... esse é o “comum acordo”? O ultimato dela. Minha negativa.

O choro que ecoou do quarto de hóspedes no final do corredor, na noite em que terminamos, não parecia um comum acordo. Parecia um coração partido. Fiquei sentado na beira da cama, com a cabeça entre as mãos, enquanto as lágrimas dela me rasgavam por dentro.

— Você tem razão, claro — diz Zere, com os olhos marejados e cheios de dor. — Sobre a festa. Só dói ver o quanto você quer me tirar de sua vida.

Sua voz embargada me deixa com um aperto no peito.

— Poxa, Zee. — Passo a mão na nuca, cerrando os dentes. — Você sabe que não é isso. Sempre vou me importar com você.

— Não me venha com pena. — Uma lágrima escorre pelo seu rosto, marcando a maquiagem aplicada com perfeição. — Emocionalmente, quero dizer. Não se preocupe com meus sentimentos e não fale bobagens só para me fazer sentir melhor.

— Eu não estou...

— Vou terminar de arrumar minhas coisas depois da festa — ela me interrompe, enxugando as lágrimas com cuidado. — Os caras da mudança vêm na segunda.

— Sem pressa. — Pigarreio. — Eu quase nunca fico aqui.

Comprei esta casa alguns meses antes de nosso relacionamento ficar sério, mas Zere está estampada em cada pedacinho dela. Quando a *Architectural Digest* publicou uma matéria chamando de nossa “casa de festas”, Zere se preparou como se fosse para as Olimpíadas. Desde o término, tenho evitado ficar em Miami, indo de um lado a outro entre meu apartamento em Manhattan e a casa em Malibu. Ela ficaria furiosa se soubesse que, no mês passado, mesmo com compromissos em Miami, fiquei no Ritz só para não nos encontrarmos. Meus carregadores virão logo depois dos dela, porque vou vender a casa que ela tanto ama. Acho que perder este lugar vai partir o coração dela ainda mais do que me perder.

Será que ela está me perdendo?

Será que algum dia eu fui dela? E ela minha?

O sexo era fantástico. Aliás, o de término foi um dos dez melhores. Ela é uma mulher inteligente, e eu nunca me senti entediado. Tínhamos objetivos como casal. Sempre tive a sensação de que ela nos impulsionava, como se estivessemos... subindo. Era sempre uma *correria*. E por mais que eu seja ambicioso nos negócios, minha vida pessoal não é uma corrida. Trabalho muito e quero descansar. Com Zere, parecia que eu nunca podia descansar. Não que eu não goste de aventuras. A adrenalina é praticamente minha droga recreativa, mas estar nas festas mais exclusivas, fazer listas e mais listas, aparecer nas colunas sociais... nada disso importa para mim, mas para Zere, sim. Então o ultimato do casamento com filhos pode ter sido a gota d'água, mas lá no fundo, em algum canto ignorado de meu coração, eu já sabia que nossos caminhos iam se separar.

— Você me diz para não ter pressa — murmura Zere, dando um passo para trás e alisando a minissaia branca sobre os quadris —, mas sei que você quer acabar logo com isso. Você odeia pontas soltas.

— Você não é uma ponta solta. Você é minha amiga, Zere. Espero que continue sendo minha amiga. — Seguro as mãos dela e me abaixo um pouco para encará-la. — E espero que você consiga tudo o que quer. Tudo o que eu não consegui te dar.

— Não conseguiu? Ou não quis? — Ela puxa as mãos com força. — Com certeza sua contagem de esperma está ótima, e a gente já vivia praticamente casado.

Não discuto, embora saiba que, tendo visto o bom casamento de meus pais, eu e Zere nunca fomos “praticamente casados”.

— Vamos parar com isso. — Saio do closet e vou para o quarto, imaginando que ela vá me seguir. — A casa está cheia de gente se divertindo. Vamos lá.

Estendo a mão, esperando que ela a segure para que possamos aparecer juntos uma última vez. É um milagre que nosso término não tenha vazado para a imprensa, mas não falamos para muita gente. Meu pai e alguns amigos próximos estão cientes, mas sei que eles vão manter segredo até que a gente decida soltar a notícia do nosso jeito.

Zere segura minha mão e observa nossos dedos entrelaçados. A boca treme por um instante, mas ela recompõe o rosto, assumindo a expressão que deseja mostrar. Aquele rosto lindo que já ilustrou todas as capas das principais revistas. Ela faz um breve aceno com a cabeça, quase como se estivesse tendo uma conversa silenciosa consigo mesma, e segue em direção à escada.

Adoro esta casa, ainda mais quando está cheia de gente. E isso acontece só uma vez por ano. Quando Zere sugeriu que fizéssemos a primeira Festa Toda de Branco, no primeiro verão que passamos juntos, eu não imaginava que viraria um dos convites mais cobiçados da cidade.

A enorme parede de vidro que dá para o quintal está toda aberta, revelando a vista deslumbrante da baía. Há uma multidão de pessoas, todas vestidas de branco, confraternizando, bebendo e dançando lá fora. Garçons circulam com bandejas de petiscos fáceis de comer com as mãos. Alguns convidados mais ousados estão jogando vôlei na piscina... completamente vestidos.

Ando tão sem tempo que não era assim que queria passar um de meus poucos sábados livres. Mas é a última vez. Posso pelo menos dar isso a Zere.

— Quero que você conheça Chapel — diz ela, me lembrando de mais uma aparição obrigatória.

— Aquela mulher que ganhou o *Lewks*, né? — Franzo a testa, tentando lembrar.

— Isso. Se você tivesse aparecido no set nessa temporada, já teria conhecido. Respiro fundo e me seguro para não retrucar.

— Eu fui algumas vezes. Não tanto quanto gostaria, mas você sabe que fiquei atolado com a venda do *True Playahs*.

— Ah, sei muito bem o quanto seu trabalho é importante. — Ela dá uma risada sem graça.

Passei um longo período negociando o maior acordo de minha vida, complexo como a hipótese de Riemann, e ela esperava que eu ficasse num set de reality show esperando a hora do intervalo? Nunca a teria afastado de algo tão importante para a carreira dela como ela quis fazer comigo. Demonstrei meu apoio de outras maneiras, poxa. Minha presença no set de filmagem não mudaria o fato de que estávamos caminhando para esse desfecho havia pelo menos um ano.

— Zee, eu...

— Olha Chapel ali — ela me corta, pondo um sorriso no rosto e acenando para uma mulher que reconheço vagamente: pequena, cabelo raspado e tingido de rosa. Zere segura a mão dela e a puxa. — Chapel, quero que você conheça... Este é meu... é... este é Maverick Bell.

— Hummm. — Chapel engole às pressas, passando a mão nos lábios para limpar a bebida. — Desculpa! Oi! Ouvi falar muito de você.

— É um prazer conhecê-la — digo. — Parabéns pela vitória. Foi muito legal.

— Obrigada. — Ela sorri, e sua expressão se ilumina ainda mais, se é que isso é possível. — E obrigada por nos receber aqui.

— Cadê Hendrix? — Zere pergunta, olhando em volta.

— Menina, você conhece Hen. — Chapel balança a cabeça, deixando escapar um sorriso. — Está lá fora, dominando tudo.

Ela aponta com a cabeça para o quintal, onde os convidados estão dançando e conversando.

— Eu já devia ter imaginado. — Zere ri a meu lado, apontando para um grupo reunido perto da fogueira. — Hendrix é a alma de qualquer festa.

Sigo seu olhar, estreitando os olhos para focar. Uma mulher está em pé sobre o muro de pedra que contorna a piscina, um pouco mais alta que o grupo de umas 20 pessoas ao redor. O DJ está tocando “Candy”, do Cameo. Do alto de seu pedestal, essa mulher conduz a roda de dançarinos numa coreografia rítmica eletrizante.

O rosto dela brilha, não só com a luz do entardecer e das lâmpadas da piscina, mas com algo que vem de *dentro*. Ela é radiante, com a pele da cor de cacau intenso. O vislumbre de sua língua rosada surge entre um sorriso ousado, formado por dentes brancos e perfeitos, absolutamente radiantes. Uma nuvem de cachos naturais emoldura o rosto marcante, em um afro cheio e denso. Ela é alta, talvez da altura de Zere, mas enquanto Zere é frágil e esguia, Hendrix tem algumas curvas naturais mais firmes e outras mais voluptuosas. Ela é longilínea e cheia de curvas profundas. Exuberante e madura, como frutas no verão.

*De encher a mão.*

A ideia me faz sorrir, porque ela transbordaria nas mãos de um homem, não só com seus seios, quadris e bumbum fartos, mas também com a energia que emite: ela vibra, pula, requebra enquanto conduz os outros na coreografia, sugerindo que seria de encher a mão. Ela seria... demais.

— Quem é ela? — Me força a desviar o olhar e voltar a atenção para Zere e Chapel.

— Hendrix? — Chapel responde com um sorriso. — É minha empresária.

— Ela parece estar se divertindo — respondo, mantendo o tom e a expressão indiferentes, embora um simples vislumbre dessa empresária chamada Hendrix já me deixe com vontade de olhar cada vez mais.

— Ela sempre se diverte — diz Zere com um sorriso maroto. — Chapel, tem alguém que eu quero que você conheça. É um executivo da emissora. Ele está muito animado com o potencial do programa de vocês.

Zere me lança um olhar que é um misto de reserva e relutância.

— Você vai ficar bem se eu der uma circulada, Mav?

— Claro. Acho que também vou circular um pouco.

Ela sabe que esse tipo de ambiente e de gente me entedia. Um pouco da tensão desaparece do rosto dela. Zere se inclina e beija meu rosto, deixando seus lábios repousarem por um instante a mais, antes de se afastar. O sorriso volta a ficar rígido, inflexível, escondendo suas emoções. Como ela não consegue esconder de mim, fico feliz por ela virar as costas, para que eu não precise encará-la. Sinto uma dor no peito por saber que sou eu o motivo.

— Vai lá — digo, baixinho, dando um tapinha em seu quadril antes de me voltar para Chapel. — Foi um prazer te conhecer.

— O prazer foi meu. Acho que vamos nos ver mais vezes — responde ela, sorrindo. — Já que eu e Zere vamos trabalhar juntas.

Meu olhar cruza rápido com o de Zere, compartilhando o segredo que só precisamos guardar por mais uma noite. Depois disso, o mundo vai saber o que nós já sabemos há algum tempo.

Que isto... que nós... terminamos.

### 3



## HENDRIX

— Nossa! — Limpo o suor da testa com as costas da mão e abro um sorriso para o barman. — Preciso de uma bebida.

— Você saiu de lá com sede. — Ele se inclina para a frente, apoiando os cotovelos no balcão, e seus olhos azuis me percorrem com admiração. — O que vai querer?

Também me inclino um pouco, permitindo que ele olhe à vontade o decote em evidência no top branco justo que não encontra a cintura da calça e deixa à mostra uma faixa de barriga. Sei que estou gata demais hoje, mas caramba. Esse branquelo está me olhando como se eu fosse um aperitivo. Até babando.

— Você que manda — digo, lançando um sorriso sedutor que não vai dar em nada. Ele é fofo, mas eu preciso de mais *atitude*. Esse cara aqui não saberia o que fazer com todo o meu conteúdo. — Qual é sua bebida preferida da noite?

Seu sorriso se alarga.

— Golden Cadillac.

— Ahhhh. Gostei do nome.

— Você vai adorar. Galliano, creme de cacau branco e creme de leite fresco. — Ele beija a ponta dos dedos. — Vai por mim.

Deixo escapar uma risadinha, me ajeito no banco do bar e faço que sim com a cabeça.

— Manda ver.

Ele estala a palma no balcão.

— É pra já.

Enquanto ele prepara a bebida, alguns convidados passam, rindo e me cumprimentando com um soquinho. Parece que fiz novos amigos na pista. Cameo une as pessoas.